

## Desmentido ao artigo

# "Havia uma casa setecentista no Quarteirão do Largo do Colégio"



Rui Ramos Loza <sup>1</sup>  
Arquitecto

### 1 - Introdução

O artigo publicado no nº 1 da Revista "Pedra e Cal" da autoria do Sr. Arquitecto Jorge Lira, intitulado "Havia uma casa setecentista no quarteirão do Largo do Colégio" poderá ter lançado confusão e descrédito na mente de quem se interessa pela reabilitação urbana no Porto, e, por isso se justifica este desmentido. Se o não fizessemos correríamos o risco de deixar enganados os leitores, com prejuízo evidente para a cidade do Porto e para as instituições que aqui trabalham na reabilitação física e social.

Poderia ainda parecer desnecessário o desmentido público e formal, se se tratasse de uma opinião pessoal e isolada do autor do artigo. Sucedem que não. Este artigo exprime, como a ponta de um iceberg, aquilo que outros também dizem, numa campanha de descredibilização, a qual, sobretudo junto de pessoas menos informadas, poderá ter os seus efeitos nefastos.

Para a preparação desta resposta contei com a participação escrita do consultor de arquitectura do CRUAR, Sr. Arquitecto João Campos e do Sr. Engº António Borges, técnico deste serviço que dirigiu a

execução do Projecto Piloto Urbano da Sé, onde se insere o edifício que foi objecto do artigo.

### 2 - Um conjunto de afirmações falsas

Quanto à análise objectiva do texto do Sr. Arq. Jorge Lira importa referir, antes de mais, um conjunto de afirmações falsas, cujo desmentido se comprova pelas fotografias que agora apresentamos.

O autor afirma:

"... e um alpendre que foi alongado..."

Esta afirmação é falsa, pois o alpendre tem as mesmas dimensões e a mesma forma que tinha antes das obras.

"... ao qual foi acrescentado um novo pilar..."

Esta afirmação também é falsa. Já havia pilar!

O que acontece é que o elemento anteriormente existente era um disforme pilar de botão, assente num disforme maciço de baixa qualidade construtiva. Não foi acrescentado qualquer pilar, sendo a opção projectual (pilar metálico) respeitável entre tantas outras.

"... as escadas antigas, realinhadas..."

<sup>1</sup> Rui Ramos Loza, Licenciado em arquitectura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1978 De 1981 a 1991 na Comissão de Coordenação da Região do Norte, trabalhos na área do planeamento e desenvolvimento regional.

A partir do ano lectivo de 1985/86, actividade docente como assistente de disciplinas do curso de arquitectura da Escola Superior Artística do Porto, nomeadamente: Estruturas Urbanas I e II, História da Arquitectura e Urbanismo, Arquitectura IV e Desenho Urbano I.

Docente na Universidade de Aveiro desde o ano lectivo de 1987/88 no Departamento de Ambiente, como assistente convidado do Curso de Planeamento Regional e Urbano.

Desde Outubro de 1991 Director do CRUAR, Projecto Municipal para a Renovação Urbana do Centro Histórico do Porto.

Autor de diversos capítulos e coordenador da edição do livro PORTO A PATRIMÓNIO MUNDIAL, que contém o processo de candidatura do centro Histórico do Porto para classificação pela UNESCO como património cultural da humanidade (1992/93), que teve como resultado a inclusão do C.H. do Porto na lista do património mundial em Dezembro de 1996, na cidade de Mérida, no México.

- Autor de diversos capítulos e coordenador da edição do livro PORTO, PATRIMÓNIO MUNDIAL; que contém elementos solicitados pela peritagem do ICOMOS durante a apreciação do processo de candidatura do Porto à UNESCO, publicado em 1998.



Estes elementos encontram-se intocados, tendo sido, única e exclusivamente, limpos, pelo que também é falsa esta afirmação.

"... novas caixilharias..."

O edifício em causa possuía caixilharias de alumínio ou restos arruinados de algumas caixilharias de madeira de fraca qualidade e o emparedamento total ou parcial de alguns vãos, muito deteriorados, sem contexto nem dignidade e que reflectiam o grau de adulteração a que o edifício esteve sujeito.

É óbvio que as caixilharias teriam sempre de ser novas!

"... Na cobertura sente-se a ausência dos levasseados característicos da construção de madeira..."

Os levasseados existem, principalmente quando se instalam certas patologias em antigas edificações. Na documentação fotográfica em anexo verifica-se que nesta casa, não existiam!

"... com novas guardas de varanda..."

É óbvio que as guardas de varanda teriam de ser novas, pois as antigas já há muito tinham desaparecido!

"... novos rebocos de cimento, sobre alvenaria de granito, que já estão salitradas e com tinta plástica a ameaçar descascar..."

É falso!

Não existem, na envolvente exterior, quaisquer vestígios de salitre.

"... esta casa havia assimilado, em alguma altura da sua longa história, o processo construtivo em taipa de fasquio, com que eram construídos grande parte dos paramentos verticais interiores e parte significativa das paredes exteriores do primeiro piso..."

A casa, de três pisos, é, no seu exterior, predominantemente constituída por alvenarias e cantarias de granito. Todo o seu exterior no 1º, 2º e 3º pisos é em granito, com a excepção de uma parte da empena virada às Aldas, onde apenas 10% da envolvente era em taipa, muito deteriorada e alterada em função da sua exposição ao longo dos anos e num estado irrecuperável. As divisórias interiores eram realizadas em tabique e não em taipa.

Demonstra-se, assim, que o processo construtivo dominante não é o expresso no artigo.

"... e desmontaram os forros interiores que davam suporte aos tectos, alguns, em masseira..."

Está-se perante uma intervenção quando se fala em tectos em masseira.

Não encontramos, nem fomos alguma vez informados por outros técnicos que também acompanharam o desenrolar dos trabalhos, de quaisquer dos vestígios referidos.

"... Cobertura em telha, desde há anos em telha marselha, mas com vestígios de anteriores beirais..."

Não encontramos, nem fomos alguma vez informados por outros técnicos que também acompanharam o desenrolar dos trabalhos, de quaisquer dos vestígios referidos e seria interessante proceder à prova desta afirmação por quem peremptoriamente a exprime e, ainda para mais, reconhece que nunca entrou no espaço em causa!

Apenas se pode inferir da existência de beirais pela presença das cornijas em cantaria de granito as quais foram integralmente recuperadas.

Além de afirmações completamente falsas, o artigo contém ainda um conjunto de afirmações incorrectas que apenas servem para confundir: "... de rés-do-chão outrora destinado a funções diversas e adequadas à salubridade precária desse compartimento directamente assente sobre o afloramento granítico, e piso de habitação, em pavimento elevado..."

Com esta descrição está-se perante uma amputação de um piso à "Casa Setecentista". O artigo atribui-lhe apenas dois quando, de facto, tem três.

"... Na sua relação absolutamente orgânica com o terreno e na sua utilização da rocha como parte integrante das paredes..."

Trata-se de uma mera idealização! O que se observa é uma implantação mediante desbaste de rocha e aterros, solução absolutamente generalizada em quase todo o Centro Histórico do Porto.

"... Sendo evidente a semelhança desta Casa Setecentista com outras tantas, que encontrávamos em Vilarinho das Furnas, que podemos encontrar em Pitões das Júnias, que subsistem no Lindoso e no Soajo, e



mesmo, na área mais remota do Planalto Mirandês...”.

Verifica-se a inconsistência e a amálgama na referência a regiões diversas que, como todos sabem, possuem arquitecturas vernaculares distintas.

Veja-se ainda:

“... Mas entre o furor reconstrutivo e a eficiência da operação, foram englobados edifícios de diversa ordem, origem e valor patrimonial, sem que as suas características intrínsecas e valores fundamentais fossem diferenciados...”.

Esta afirmação não se circunscreve à “Casa Setecentista”, mas questiona a direcção estratégica da operação municipal no Quarteirão do Largo do Colégio, na elaboração do programa e de todas as deliberações e decisões até à sua finalização, o que remete a argumentação para um plano geral, metodológico.

### 3 - Algumas questões metodológicas

Na área de actuação do CRUARB verificam-se, ao longo dos últimos 25 anos, propostas, e obras, tituladas por projectos de autoria de dezenas de arquitectos, das mais diferentes sensibilidades e com diferenciadas posturas face à adequação dos princípios para uma correcta intervenção em ambiente urbano, histórica e culturalmente relevante.

A liberdade de actuação dos projectistas, enquanto profissionais licenciados, é um esteio dos princípios a defender, em conjugação com a outorga da sua missão.

A conclusão que mais interessa ao artigo em apreço é a afirmação de que a intervenção na chamada Casa Setecentista “reflecte a transformação parcial de uma cidade em cenário daquilo que foi, com uma profunda perda patrimonial nesse processo: a perda da autenticidade, e com ela, da identidade própria” (...) “O que está em causa é, somente e apenas, a metodologia com que a mesma foi realizada” (Pedra & Cal Nº 1, 1999, pág. 23).

A chamada Casa Setecentista, não passava de uma construção insalubre e arruinada, ombreando com todo um tecido urbano que esperava uma profunda reabilitação,

carecendo de uma intervenção que preservasse autenticidade num cenário evolutivo e compatível com a dignidade da vida de hoje.

No Centro Histórico do Porto, estamos perante uma cidade viva, plena de actividade, com milhares de habitantes, e não num local fósil, que encerra uma problemática radicalmente diferente, exigindo,

Igreja dos Grilos, entre muitos outros exemplos produzidos pelo CRUARB ou pela FDZHP.

Mas quando temos como pré-existência um edifício muito degradado, cujo programa, por variadas razões, tem de ser habitacional, somos obrigados a adoptar uma metodologia, menos conservadora, que permita compatibilizar o pas-



por isso, respostas metodológicas radicalmente diferentes.

Muita mistificação se continua a fazer em relação ao Porto a propósito do restauro, como se este fosse o oposto da reabilitação urbana em curso, mas deve dizer-se que, aqui se têm feito, sempre que possível e adequado, importantes operações de restauro. Veja-se o Centro de Artes Tradicionais, o mercado Ferreira Borges, casa torre da Rua de Baixo, outras casas em Miragaia, a

sado do edifício com as necessidades e os meios actuais. É assim que fazemos reabilitação de áreas urbanas vivas e não de “cidade/museu”. Vem a propósito sublinhar que estamos, de facto, em presença de duas linhas metodológicas, uma alicerçada no bom senso, na experiência, e na reflexão cuidada de cada caso, e outra baseada numa cartilha académica, fundamentalista e perniciosa, recheada de muitas verdades, com toda a propagan-



da, mas inquinada por mentiras e meias verdades, como o exemplo deste artigo prova à saciedade.

O CRUARB cumpriu o programa de aquisições, fez o levantamento social das famílias e promoveu o seu realojamento, disponibilizando os seis prédios do quarteirão para a intervenção de reabilitação urbana, de forma que todo o quarteirão pudesse ser integrado num só projecto e numa só empreitada, procurando assim conseguir uma escala de intervenção que produzisse um impacto forte e positivo no Largo do Colégio, o que está a acontecer.

Foi definido o programa em função das características dos edifícios, da sua localização e das necessidades do bairro, com habitações, um equipamento polivalente e um café, este, aproveitando um terreno onde terá havido uma casa, já há muito demolida.

Com a aprovação, pela União Europeia, do Projecto Piloto Urbano da Sé, era imperioso que todos os projectos fossem rapidamente elaborados e as obras iniciadas e concluídas de forma a não pôr em causa o financiamento avultado que o Porto tinha ganho, e que poderia ser perdido se o projecto se desvirtuasse nos seus propósitos ou no calendário.

Assim, foi decidido pela Câmara que os projectos em falta seriam realizados por encomenda directa a gabinetes de arquitectura exteriores. O quarteirão do Largo do Colégio foi entregue à equipa do Sr. Arq. Sérgio Seca.

O projecto foi apreciado no CRUARB com a participação do consultor de arquitectura de então, Sr. Arq. Alcino Soutinho e foram recomendadas ao autor as correcções necessárias e justificadas, que foram atendidas, merecendo por isso aprovação na sua versão final.

#### 4 - Conclusão

Estamos perante uma obra da Câmara Municipal do Porto, preparada e gerida pelo CRUARB, projectada por um arquitecto com qualificação para tal.

Poderá questionar-se, ainda assim, se a obra está perfeita, ou se o conceito que a determinou é consen-

sual.

Obviamente que não!

Importante seria que as críticas às imperfeições fossem:

Feitas no local próprio, fraternas, rigorosas, verdadeiras, consequentes.

Assim poderia entender-se que essas críticas se destinavam a ajudar a corrigir os erros, valorizando os 99,9% do meritório trabalho realizado por muitos intervenientes, no CRUARB, no PPUBS, e na equipa projectista, quantas vezes em esforço e com uma dedicação que só se explica pela satisfação de ver salvar da ruína este património físico e humano.

Com a crítica lançada numa revista que será provavelmente um veículo de difusão muito dirigido ao meio técnico, académico e político da reabilitação urbana, de forma não rigorosa, nem verdadeira, num contexto em que muitas personalidades tentam provar, por todos os meios, que o que o Porto faz está cheio de erros (ou é tudo um erro!), este artigo nada ajudou no sentido de fazer avançar a operação do Porto, quer nos seus aspectos qualitativos quer na sua imagem pública. ■

*Este desmentido é o excerto de um texto mais desenvolvido, que não pode ser publicado por questões editoriais, em consequência da sua extensão. O texto integral pode ser solicitado por quem o pretender para CRUARB, Rua da Alfândega n.º 8, 4000 Porto.*